

## O FENÔMENO DO CONSUMO URBANO COMO FATOR DE EXCLUSÃO SOCIAL E GERADOR DE IMPACTOS AMBIENTAIS

OLIVEIRA, Patrícia da Cruz<sup>1</sup>  
SOBARZO, Liz Cristiane Dias<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Geografia Licenciatura – UFPEL. patynew@bol.com.br

<sup>2</sup> Profª Drª DEGEO – ICH - UFPEL

### 1 INTRODUÇÃO

Questões relacionadas à exclusão social e impactos ambientais devem ter presença constante no âmbito universitário. A problemática que estamos vivenciando atualmente no que se refere ao esgotamento de recursos naturais e o impacto que o lixo ou, resíduos sólidos, têm causado ao nosso planeta e, inclusive, em perspectivas mais cotidianas, é assunto de extrema importância e complexidade. Pois seu alcance abrange muitas fronteiras que, a princípio, nos passam despercebidas.

O fenômeno do consumo ao que nos referimos, especialmente, é o que vem ocorrendo da metade do século XX ao início do século XXI. A clara intensificação do consumo neste período tem trazido consequências nítidas não só ao olhar de estudiosos, mas a qualquer pessoa que possua um olhar mais crítico perante a sociedade que a cerca. O estudo desse fenômeno é crucial para que possamos compreender e buscar possíveis soluções à problemática em questão, tanto do ponto de vista social quanto ambiental. O estudo do consumo está, pois, na base da pirâmide.

Fátima Portilho (2005) nos traz uma óptica singular à questão da crise ambiental, considerando que esta se institui no princípio estruturante e organizador da sociedade: da produção para o consumo. Nesse aspecto nota-se um ensaio de círculo vicioso, quanto mais se produz mais se consome e, quanto mais se consome mais se produz. O resultado desse círculo vicioso é que são mais e mais toneladas de resíduos sólidos depositadas diariamente e diretamente no meio ambiente, sendo seu destino final mais comum, os lixões a céu aberto.

Nota-se que as principais problemáticas a respeito da questão ambiental, giravam em torno da produção em massa e do descarte final: lixo. Ora, se é produzido em larga escala, é porque há uma grande massa de consumidores ativos; é a cultura do consumo: o consumo no cerne do problema.

O interesse por essa dinâmica é recente e atual. Com isso, visa-se problematizar esse processo e compreender como ele se materializa, a fim de propor alternativas satisfatórias que contribuam para a construção de uma sociedade mais igualitária e com qualidade de vida.

### 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O trabalho apresentado é de pesquisa bibliográfica e documental. Nosso plano de trabalho foi basicamente centrado na realização de estudos e pesquisas junto à fontes bibliográficas utilizadas nas temáticas do consumo, meio ambiente, resíduos sólidos e sociedade.

Primeiro foi realizada uma análise bibliográfica sobre consumo, suas vertentes históricas e a amplitude que a sua concepção vem atingindo ao longo das últimas décadas. O mesmo foi feito em relação ao fenômeno da crise ambiental igualmente crescente nas últimas décadas, o que nos trouxe o primeiro indício da ponte existente entre ambos os temas. Também foi analisado como a questão do consumo urbano vem atingindo a sociedade de um modo geral, neste mesmo período histórico.

Por fim, foi feita coleta de dados junto a ONG'S como, por exemplo a CEMPRE (Compromisso Empresarial Para Reciclagem) e, ao IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como resultado dos questionamentos anteriormente assinalados, percebemos que, as sociedades humanas não apenas produzem e consomem, elas criam um conjunto de idéias, de valores e de significados sobre sua produção e seu consumo (PORTILHO, 2005). Recentemente o consumo deixa de ser exclusivamente um mecanismo de uso/necessidade, e passa a ser também exibicionismo/supérfluo. Tornando o ato do consumo mais importante que o produto a ser consumido em si. Um exemplo contemporâneo desse consumo é a moda, onde não basta apenas adquirir/possuir uma vestimenta ou produto que cubra e/ou proteja o indivíduo de temperaturas variadas. Há a necessidade de se enquadrar no que esta dita como belo ou não, contemporâneo ou não, próprio à classe que possui o capital necessário para adquiri-la ou não. Um resultado desse comportamento é a preferência da grande massa do 'ter' ao 'ser', o que acaba causando o mal-estar e, até mesmo, a exclusão social do indivíduo que não pode acompanhar esse movimento visivelmente rápido e mutável que é a moda. Também, como nos diz Portilho (2005), hierarquias sociais se arranjam tendo por base não apenas a posse das riquezas, mas o seu uso distinto e os significados destes usos. Onde certo padrão de consumo acaba refletindo como uma ferramenta de *status*.

Sempre tiramos da natureza matéria prima para nossas necessidades, mas a partir do século XX, com todos os avanços tecnológicos que se seguiram, passamos a devolver a ela uma quantidade cada vez maior de resíduos sintéticos e nucleares, que ela já não é capaz de 'absorver'.

Nesse aspecto, percebemos o crescente aumento na produção e descarte de materiais, gerados por um consumo desenfreado das sociedades ocidentais modernas. Dados nos mostram que a geração de lixo urbano no Brasil é de, aproximadamente, 150 mil toneladas por dia (CEMPRE, 2009). Só a Região Metropolitana de São Paulo, com seus 18 milhões de habitantes, é responsável por 13% destes resíduos coletados (IBGE, 2000). A média de geração *per capita* de resíduos sólidos urbanos no país pode variar de 0,8 a mais de 1kg/hab/dia, dependendo da região (CEMPRE, op.cit.).

Tomando por base o gerenciamento dos resíduos sólidos, essa situação de crescente consumo e geração de lixo fica ainda mais grave se considerarmos a destinação final. Segundo estimativas dos órgãos de fiscalização ambiental competentes, 55% a 60% de todo esse lixo coletado ainda é depositado em lixões a céu aberto. Sabe-se que os lixões são áreas de disposição final de resíduos sólidos sem nenhuma preparação anterior do solo. Essa forma de

descartar o lixo ocasiona contaminação do lençol freático e também do ar, pois não há tratamento do chorume e do metano (CH<sub>4</sub>) gerados na decomposição da matéria orgânica. Vetores de doenças como insetos, alguns pássaros e roedores convivem com o lixo livremente, mantendo contato com pessoas (inclusive crianças) que buscam ali os materiais recicláveis para vender.

Acabamos adquirindo hábitos e tendências de consumo às vezes mesmo sem perceber, que podem e certamente trarão conseqüências negativas ao meio em que vivemos através da degradação ambiental e social.

#### 4 CONCLUSÕES

A maneira que e, como vivemos, deve ser repensada num âmbito geral. Já não é possível permanecer com os padrões de consumo que temos hoje por muito tempo, se quisermos realmente que nossos descendentes desfrutem do mundo como o conhecemos hoje. Pesquisas já foram realizadas e mostram que, se por exemplo, os habitantes dos países do Sul adotassem padrões de consumo e estilos de vida semelhantes a um norte-americano médio, seriam necessários, pelo menos, mais dois planetas Terra (PORTILHO, 2005). É preciso crescer sim, desenvolver-se, mas com o cuidado de não destruir o que temos atualmente e, que não poderá ser reinventado posteriormente. Um consumo sustentável, não só na teoria, mas também na prática e políticas diretamente relacionadas ao enfoque ambiental, poderão ser passos decisivos nos anos que se seguirão, desde que o Estado trabalhe em conjunto com uma sociedade mais igualitária e, com plenos direitos de participação.

#### 5 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Livia. **Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

CEMPRE - Compromisso Empresarial Para Reciclagem. "**A evolução da coleta seletiva e reciclagem de resíduos sólidos urbanos no Brasil**". Arquivo CEMPRE, 2009. Disponível em [www.cempre.org.br](http://www.cempre.org.br).

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico**. 2000. Disponível em [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br).

PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade Ambiental, Consumo e Cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.

ZACARIAS, Rachel. **Consumo, Lixo e Educação Ambiental: Uma Abordagem Crítica**. Juiz de Fora: FEME, 2000.